

Teoria e Análise de Discurso a partir de Laclau e Mouffe: (re)pensando a metodologia no campo da Ciência Política¹

Felipe Corral de Freitas²

Introdução

Podemos considerar que hoje já existem significativos estudos no campo da ciência política que constroem abordagens interpretativas das realidades estudadas a partir de alguma vertente de teoria do discurso e de análise de discurso, seja refletindo teoricamente, seja propondo caminhos metodológicos. Os trabalhos de autores como Pêcheux, Fairclough, Foucault, Laclau e Mouffe são exemplos de bases teóricas que dão sustentação às análises empíricas.

Em vista disso, este ensaio inicial tem por objetivo apresentar o arranjo teórico-filosófico da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e apontar sua composição como ferramenta metodológica de análise de discurso no campo da ciência política. Entendemos que o cabedal conceitual da teoria do discurso de Laclau e Mouffe possibilita à construção metodológica de análise de discurso a partir de uma posição teórico-ontológica plasmada no pós-estruturalismo e no pós-fundacionalismo.

Para isso, este ensaio está dividido em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção são apresentadas as teorias do discurso aplicadas à Ciência Política. Na segunda seção é apresentada a teoria do discurso de Laclau e Mouffe, principal objetivo deste ensaio. Na terceira seção é tratado dos trabalhos que aplicam a teoria do discurso como ferramenta teórica e, principalmente, como ferramenta metodológica. Na quarta seção é desenvolvido, ainda de forma “embrionária”, um caminho metodológico para aplicação da teoria do discurso de Laclau e Mouffe. Nas considerações finais é realizado um balanço sobre as potencialidades da teoria aqui tratada como ferramenta metodológica no campo da Ciência Política, bem como a necessidade de novos estudos e novos testes a partir da teoria do discurso.

As teorias do discurso aplicadas à Ciência Política: Pêcheux, Fairclough, Foucault, Laclau e Mouffe

Antes de entrarmos na teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2015 [1985]), objetivo maior deste ensaio, fazem-se necessárias algumas justificativas dessa escolha teórico-

¹ Este texto é uma versão ainda inicial tratando da metodologia na teoria do discurso de Laclau e Mouffe aplicada à Ciência Política. Por isso, ainda faltam alguns desenvolvimentos e apontamentos mais substantivos.

² Doutor em Ciência Política (UnB). Pós-doutorando em Ciência Política (UFPEL). Professor colaborador do PPGCPol (UFPEL).

metodológica. iremos pontuar algumas diferenças substanciais entre a teoria do discurso de Laclau e Mouffe de outras teorias do discurso, como a de Pêcheux (2002 [1983]; 2014 [1975]), Fairclough (2008 [1993]) e Foucault (2013a [1969]; 2013b [1970]).

Mesmo que existam aproximações entre estas correntes de teorias do discurso, suas diferenças ontológicas e epistemológicas constroem interpretações dessemelhantes das realidades estudadas.

Começando por Pêcheux (2002 [1983]; 2014 [1975]), o autor dá maior ênfase ao aspecto funcional da linguagem e tem por objetivo evidenciar a origem e a formação do sentido do discurso, levando em consideração a formação semântica desses sentidos³.

Fairclough (2008 [1993]) compreende a formação do discurso a partir do social e de suas estruturas de poder e da relação ideológica que nelas são forjadas⁴.

Já Foucault (2013a [1969]; 2013b [1970]), também da escola francesa de análise de discurso, como Pêcheux e Fairclough, desenvolve outra perspectiva de teoria do discurso que se aproxima mais com a concepção de discurso de Laclau e Mouffe. A principal delas se refere às formações discursivas e suas práticas articulatórias. Tanto para Foucault (2013a [1969], p. 30) como para Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 178-179) toda formação discursiva só é possível a partir de regularidades de sentidos, identificados por Foucault como “regularidades na dispersão” que só são possíveis pelas “condições de emergência” (FOUCAULT, 2013a [1969], p. 54). Sua principal discordância reside no fato de Foucault separar “práticas discursivas” de “práticas não discursivas”. Como veremos do desenrolar desta seção, Laclau e Mouffe dão outra paralaxe para a teoria do discurso como propriamente para a análise do discurso. Discurso segundo Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 178) é entendido como produção do social e produção do ideológico, não reflexo e nem mesmo resultado de estruturas anteriores ao próprio discurso. Além disso, segundo os autores, a separação entendida por Foucault é rechaçada, não havendo, assim, nada fora do discurso capaz de produzir sentido (LACLAU, MOUFFE, 2015 [1985], p. 180)^{5,6}.

No sentido de Laclau e Mouffe, discurso é uma prática significativa que constitui e organiza relações sociais. Portanto, basta que certas regularidades estabeleçam posições diferentes para que possamos falar de uma formação discursiva. Uma formação discursiva é composta por uma heterogeneidade de discursos formados por uma gama de sentidos; são formados por uma relação de sobredeterminação em que não há apenas uma forma de sua constituição e de sua explicação, mas envolvem uma multiplicidade de sentidos que lhe

³ (OBS 1: Complementar – bibliografia já selecionada).

⁴ (OBS 2: Complementar – bibliografia já selecionada).

⁵ Para mais informações e informações mais aprofundadas, já que não consta como objetivo deste artigo tratar de forma árdua dessas diferenciações, apenas pontuar um de seus diversos pontos de separação, ver Cunha (2013).

⁶ (OBS 3: Complementar – bibliografia já selecionada)

confere uma diversidade de abordagens. É esse o entendimento de práticas discursivas e de formação de sentidos (LACLAU, MOUFFE, 2015 [1985], p. 178)^{7, 8}

(Finalizar seção)

A teoria do discurso de Laclau e Mouffe

Para Laclau e Mouffe, um discurso é uma prática articulatória e significativa que constitui e organiza relações sociais. Essas práticas articulatórias buscam construir pontos nodais, os quais fixam parcialmente sentidos. Sendo assim, toda produção de sentidos depende de uma estrutura discursiva, ou seja, o discurso não está separado do social, ele é, necessariamente, uma produção que dá significado ao tecido social. Segundo os autores, discurso é a ligação entre palavras e ações e que, com isso, formam totalidades significativas. Na perspectiva dos autores, o linguístico não pode ser visto separado do social, e como já destacamos, rechaçando toda e qualquer separação entre práticas discursivas e práticas não discursivas (LACLAU, MOUFFE, 2015 [1985], p. 181-182). Mendonça (2007, p. 250), enfatizando as características da teoria do discurso, afirma que todo espaço social é um espaço discursivo e que um discurso é uma prática social formado de significações, articulando fala e ação que se constituem dentro do campo da discursividade. Portanto, o social é um social discursivo; simbólico.

O ponto nodal de uma formação discursiva assume uma característica fundamental na construção do discurso. É através do ponto nodal que se estabelece a união entre os momentos diferenciais, pois, um ponto nodal – um ponto discursivo privilegiado – aglutina outros discursos em torno de si. Ele é, também, o determinante dos limites desse discurso, do que está articulado e do que não está articulado, ou seja, o que ele representa e o que não representa. Toda prática articulatória resultará em um ponto nodal, o qual representará todas essas particularidades. Mendonça (2003, p. 143) afirma que os pontos nodais diferenciam uma formação discursiva de outros discursos e também os diferencia dos elementos que não estão discursivamente articulados no campo da discursividade. “A prática da articulação, portanto, consiste na construção de pontos nodais que fixam sentido parcialmente”. (LACLAU, MOUFFE, 2015 [1985], p. 188).

A noção de antagonismo parte da impossibilidade de objetivação de qualquer identidade/discurso, não havendo, assim, uma relação entre identidades plenas. É neste sentido que se entende a impossibilidade de um fechamento completo ou da plenitude de

⁷ Segundo Burity (2014, p. 61), Laclau dá início a uma reflexão sobre o entendimento de discurso e seu papel na constituição do sentido na ação social. É a partir disso que o termo (noção e conceito) de discurso assume novas características, extrapolando a definição de discurso como uma simples forma de comunicação ou como uma forma de estudo estruturada pela linguística.

⁸ (OBS 4: Complementar).

um discurso qualquer, por isso a precariedade de toda identidade que, por consequência, só existe no âmbito da identificação política constituída por diferenças. Então, para Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 202), todo discurso que nega o outro se constitui como antagônico, pois ao mesmo tempo em que ele delimita seu corte antagônico, seu opositor, ele se constitui como “ele mesmo”. Assim, a negação do outro é, ao mesmo tempo, a possibilidade de constituição de sua própria identidade, como também a impossibilidade do antagonizado constituir plenamente a sua identidade. Para Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 209), o social pode ser percebido através de vários antagonismos e, ainda, quanto mais um sistema não responde de forma satisfatória às demandas sociais, quanto menos ele é capaz de conciliar as diferenças, maiores serão os pontos de antagonismos.

Desta maneira, o discurso – entendido não como simples atos de fala, mas como prática – se constitui em oposição a outro discurso, ao seu “negativo”, ao seu concorrente, de forma a negar toda substância antagonizada a partir da produção de sentidos opostos (LACLAU, 2000 [1990], p. 20). Além do mais, dentro dessa disputa discursiva, o antagonismo impossibilita o fechamento completo dos sentidos de um discurso; “[...] o antagonismo e a exclusão são constitutivos de toda identidade” (LACLAU, 2011 [1996], p. 88). Com isso, todo discurso é mais do que aquilo que ele abarca. É, também, aquilo que ele exclui. O antagonismo não tem um sentido objetivo, ele é a própria impossibilidade de sua construção (LACLAU, 2014[2014], p. 127).

A relação antagônica e a formação de pontos nodais constituem o discurso. A constituição desse discurso se dá sempre num campo de disputas por sentidos hegemônicos. Ou seja, todo discurso busca hegemonizar seus sentidos e se tornar um discurso representativo. Um discurso hegemônico é sempre um discurso sistematizador, pois ele aglutina outros sentidos; hegemonia é quando uma identidade, de forma precária e contingente, passa a representar diversas outras identidades dentro desse discurso. Assim, o discurso original acaba sempre se alterando, pois entra em contato com novas identidades. Com isso, o discurso sistematizador acaba abrangendo novos sentidos, fazendo, assim, com que seu conteúdo original seja modificado, pois, para buscar essa hegemonia, ele tem de ampliar seus conteúdos e, ao realizar essa ampliação, perde seu sentido único. Portanto, são através dessas disputas hegemônicas que se constituem os discursos políticos, ou seja, a hegemonia parte de qualquer relação de luta política. Segundo Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 218-219), nenhuma lógica hegemônica pode dar conta de uma totalidade do social, ou seja, nenhuma determinada identidade pode representar o todo social, pois, como já havíamos destacado anteriormente, todo processo hegemônico necessita de uma relação de antagonismo; nenhuma hegemonia será conduzida a uma lógica específica de uma força social única.

A hegemonia, neste sentido, é um lugar vazio, pois para atingir a posição hegemônica uma determinada identidade necessita esvaziar suas particularidades na busca de representar outras tantas identidades. Assim, uma particularidade que queira ter seus conteúdos universalizados, condição necessária da hegemonia, necessita representar mais do que sua mera particularidade. Para isso, toda representação requer a ampliação de seus sentidos que não estavam contemplados originalmente por sua identidade. Assim sendo, hegemonia é o momento da universalização de uma particularidade que passa a representar outras identidades, portanto, toda representação é um ato hegemônico.

Segundo Laclau e Mouffe (2015 [1985], p. 215), no espaço do social pode haver vários pontos de hegemonia decorrentes dos diversos antagonismos existentes. Todos os discursos buscam universalizar seus conteúdos particulares, ou seja, toda formação discursiva tem como objetivo expandir seu sentido na busca de se tornar um discurso sistematizador, um discurso hegemônico. Contudo, como já afirmado, para isso tal particularidade terá de esvaziar seus sentidos próprios para representar os vários elementos que se tornaram momentos a partir dessa prática articulatória. Sendo assim, todo discurso sistematizador acaba abarcando novos sentidos, fazendo com que seu conteúdo original seja modificado, pois, para buscar essa hegemonia ele tem de ampliar seus conteúdos e, ao realizar essa ampliação, perde seu sentido único. Portanto, são por meio dessas disputas hegemônicas que se constituem os discursos políticos, ou seja, a hegemonia parte de qualquer relação de luta política que se constitua a partir do corte antagônico.

(Reescrever e complementar esta seção)

(Finalizar seção)

Aplicando a teoria do discurso de Laclau e Mouffe

Os trabalhos de Mendonça (2002, 2006, 2007, 2009, 2017) mesclam um debate teórico refinado com a aplicação da teoria do discurso de Laclau e Mouffe em casos empíricos bem definidos. Ainda que sua aplicação se de um ponto de vista mais teórico, ou seja, um estudo sobre as causas e os efeitos de evento político, sua contribuição para pensar uma metodologia é significativa.

(Explicar os estudos de Mendonça)

No mesmo sentido dos estudos de Mendonça, Pinto (2017) utiliza a teoria do discurso de Laclau e Mouffe para compreender as manifestações políticas/sociais ocorridas no Brasil no ano de 2013. (Finalizar)

(Colocar outros trabalhos – já finalizados)

Por outro lado, os trabalhos de Freitas (2011, 2015, 2016, 2017, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b) apresentam uma preocupação diferente: utilizar o cabedal conceitual da teoria do discurso de Laclau e Mouffe como ferramenta metodológica propriamente dita. O

autor, mesmo se valendo da teoria do discurso como ferramenta teórica para explicar determinados fenômenos políticos envolvendo os partidos políticos brasileiros suas ideologias e as relações antagônicas que emergem em diversos espaços da institucionalidade da democracia brasileira, como o Congresso Federal (as Seções do Grande Expediente) e o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) (principalmente o antigo PFL⁹, hoje DEM¹⁰, o PSDB¹¹, o PT¹² e, atualmente, o PSL¹³), elabora, mesmo que de forma ainda simplificada, caminhos metodológicos que permitem ao mesmo tempo expor o processo pelo qual busca-se compreender o fenômeno estudado como propriamente explicar teoricamente o que se propõem.

(Explicar os estudos de Freitas)

(Concluir seção – colocar nota de rodapé com dissertações e teses)¹⁴

O processo metodológico: do debate teórico aos casos estudados

Os conceitos apresentados servem de ferramenta metodológica para a compreensão dos sentidos discursivamente produzidos e disputados pensando em análises empíricas no campo da Ciência Política.

No que se refere aos aspectos metodológicos da teoria do discurso aqui abordada, bem como à estratégia organizacional propiciada por ela, é necessário capturar a formação da realidade construída e nela identificar os elementos dispersos que apresentem regularidades na produção de sentidos em cada formação discursiva a partir da relação antagônica estabelecida, ou seja, as disputas por determinados sentidos. Identificadas as regularidades nos elementos, estes passaram a ser chamados de momentos discursivos, os quais, como já mencionado, são carregados de sentidos. Realizado esse processo, o próximo passo é identificar, a partir da formação dos momentos, o ponto privilegiado dessa formação, ou seja, o ponto que condensa e constitui o discurso, o ponto nodal. Isso identificado, a etapa seguinte é apontar, a partir da relação antagônica estabelecida entre os discursos, a estruturação dessa formação discursiva; a relação antagônica, o ponto de antagonismo, é representada, nesse momento, pelo ponto nodal – como já afirmamos no decorrer deste ensaio, toda relação política se constitui de forma antagônica, ou seja, toda relação de articulação interna de um determinado discurso só é possibilitada por um exterior ameaçador. Esse momento é o momento da formação/reconfiguração de identidades a partir de identificações políticas precárias e contingentes. É este o momento da disputa

⁹ Partido da Frente Liberal.

¹⁰ Democratas.

¹¹ Partido da Social Democracia Brasileira.

¹² Partido dos Trabalhadores.

¹³ Partido Social Liberal.

¹⁴ Dissertações e Teses. Vieira Júnior (2010)....

pelos sentidos, e este o momento da formação do significante vazio. Ou seja, o ponto nodal, o ponto antagônico, também é um significante vazio – como veremos um significante vazio não é um significante sem significado, mas sim um significante que abarca diversos sentidos e que ultrapassa seu próprio, se tornando um particular representativo que se universaliza. Além disso, estabelecida a relação antagônica, é este o momento das disputas por hegemonia, como veremos.

Considerações Finais

(Escrever)

Referências

BURITU, Joanildo. Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In. MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Leo. (Org.). **Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau**. 2º ed. Porto Alegre: ESPUCRS, 2014, p 59- 74.

CUNHA, Kátia. A teoria do discurso como abordagem teórica e metodológica no campo das políticas públicas em educação. **Revista Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 257-276, jul./dez. 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008[1993].

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2013a[1969].

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 23º ed. São Paulo: Loyola, 2013b[1970].

FREITAS, Felipe Corral. O Programa Fome Zero e a Disputa Discursiva entre o PT e o PFL. **Revista Publicatio**, Ponta Grossa, v.19, n. 2, p 167-179, 2011.

FREITAS, Felipe Corral. De Situação a Oposição: a reforma da Previdência do governo Lula a partir da perspectiva dos deputados do PSDB. **Revista Pensamento Plural**, Pelotas, n.16, p.131-156, 2015.

FREITAS, Felipe. A posição antagônica do discurso do PT contra a reforma da Previdência do governo Cardoso, *Revista Simbiótica*, 3(1): 100-127, 2016.

FREITAS, Felipe. Reformando a reforma e reestruturando o discurso: a perspectiva dos deputados do PT nas reformas da previdência dos governos FHC e Lula. *Revista Barbarói*, (50): 39-69, 2017.

FREITAS, Felipe Corral. De Oposição a Situação: a reforma da Previdência de 2003 e o primeiro “grande racha” no governo Lula. **Revista Teoria e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v.27, n.1, p. 71-105, 2018a.

FREITAS, Felipe. O primeiro grande antagonismo entre PSDB e PT. *Opinião Pública*, vol. 24, nº 3, set. – dez. 2018b, pp. 547-595.

FREITAS, Felipe. Duas reformas e “dois” discursos: O PSDB entre as reformas da Previdência dos governos FHC e Lula. *Revista Tomo*, n. 34, v.1, p. 189-240 jan./jun. 2019a.

FREITAS, Felipe. Antagonismo e Propaganda Eleitoral: os discursos de PSDB e PT na eleição de 2002. *Revista de Ciências Sociais*, v. 50, n. 1, p. 475-524, mar/jun. 2019b.

LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. 2ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000 [1990].

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011 [1996].

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013 [2005].

LACLAU, Ernesto. **Los Fundamentos Retóricos de la Sociedad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014 [2014].

LACLAU, Ernesto; Mouffe, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015 [1985].

MENDONÇA, Daniel. Para além da lei: agonismo como princípio de ação dos movimentos sociais. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*. V. 2, nº 1, p. 55-68, 2002.

MENDONÇA, Daniel. A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, v. 20, n. 1, p.135-145, jun. 2003.

MENDONÇA, Daniel. A condensação do imaginário popular oposicionista num significativo vazio: as “diretas já”. In. RODRIGUES, Leo; MENDONÇA, Daniel (Org.). Ernesto Laclau e Niklas Luhmann: pós-fundacionalismo e abordagens sistêmica e as organizações sociais. Porto Alegre: ESPUCRS. 2006, p. 146-169.

MENDONÇA, Daniel. A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira. **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo v.43, n.3, p.249-258, mai./ago. 2007.

MENDONÇA, Daniel. O golpe civil-militar de 1961: crítica a uma explicação hegemônica. *Revista Política e Sociedade*. n. 14, p. 409-446, 2009.

MENDONÇA, Daniel. *A Ditadura Brasileira em Dois Golpes. 1961-1964*. Curitiba: Appris, 2017).

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002[1983].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5º ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014[1975].

PINTO, Celi. A Trajetória Discursiva das Manifestações de Rua no Brasil (2013-2015). *Revista Lua Nova*, nº 100, p. 119-153, 2017.

VIEIRA JUNIOR, Roberto. *Ambientalistas e Desenvolvimentistas: aplicando a teoria do discurso*. Pelotas: Gráfica Universitária/UFPEL, 2010.